

FICHA TÉCNICA

- **al'ulvã** - Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé
 - N.º 8 - 2001 • 2002
- Publicação Periódica Anual
- Propriedade: *Câmara Municipal de Loulé*
- Editor: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*
- Coordenação: *Manuel Pedro Serra*
- Responsável Gráfico: *José Batista*
- Colaborador deste número: *A. Balbino • Ana Maria Silva • Artur Ângelo Barracosa Mendonça • Carina Marques • E. Crespo • Eugénia Cunha • Isabel Luzia • João Sabóia • Padre João Coelho Cabanita • José d'Encarnação • Luísa Fernanda Guerreiro Martins • Luís Miguel Duarte • Manuel Pedro Serra • Maria de Fátima Botão • Mário Varela Gomes • Miguel Telles Antunes • P. Callapez • P. Mein • Susana Andreia do Carmo Carrusca • Vera Lúcia Cavaco Pereira*
- Capa: *Fecho de abóbada com representação de D. Afonso V - Convento da Graça - Loulé (foto H. Ramos)*
- Fotocomposição, Impressão e Encadernação:
Gráfica Comercial - Arnaldo Matos Pereira, Lda.
E-mail: grafica@mail.telepac.pt
Zona Industrial de Loulé - Lote 18
Telef. 289 420 200 - Fax 289 420 201
Apart. 247 - 8100-911 LOULÉ - Algarve - Portugal
- Tiragem: 1000 exemplares
- Depósito Legal: N.º 59729/92
- ISSN: 0872-2323.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Pede-se permuta - Pídesse canje - On demande l'échange -

We ask for exchange - Man bittet um austausch.

A HISTÓRIA DE UMA ESCRAVA ROMANA

José d'Encarnação ()*

E, vindo de paragens mediterrânicas, desembarcado na ria de Ossónoba, o senhor embrenhou-se Barrocal adentro, em busca de sítio onde se instalasse com a família. Passou por Milreu, onde abastado magistrado municipal já começara a erguer a sua *villa*; e, pelo vale a noroeste, seguiu caminho íngreme até que se lhe deparou risonha planura. Era estreita; mas, pelos vistos, abrigada e fértil. Rumou a norte e, já cansado, lobrigou porca montês com sua bacorada atrás e disse para os seus:

– *Apra!* Uma porca montês! Aqui vamos ficar. A terra parece boa; com algum trabalho, valerá a pena e frutos não nos faltarão!

Chama-se esse romano Frontão – o da testa alta, *Fronto* em latim. Pertence à família dos *Paccii*. Aliás, parentes seus haviam preferido quedar-se em *Balsa*, importante empório comercial, em costa amplamente recortada e propícia ao trato marítimo. Ele optara pela agricultura. E, como era do ritual, não olvidou costume antigo: o de venerar os deuses, o de apaziguar aqueles a quem, certamente, a terra ora ocupada desde a eternidade pertencia.

Daí que, dias mais tarde, tenha chamado um canteiro local e lhe haja encomendado altar votivo. Com pouco mais de 55 centímetros de altura, por 30 de largura e outro tanto de espessura – que o queria colocar em sítio nobre de sua casa.

Os maus tratos por que a pedra sofreu ao longo dos séculos ou, se calhar, intolerância cristã (não era de admirar!) fizeram com que o nome desses deuses

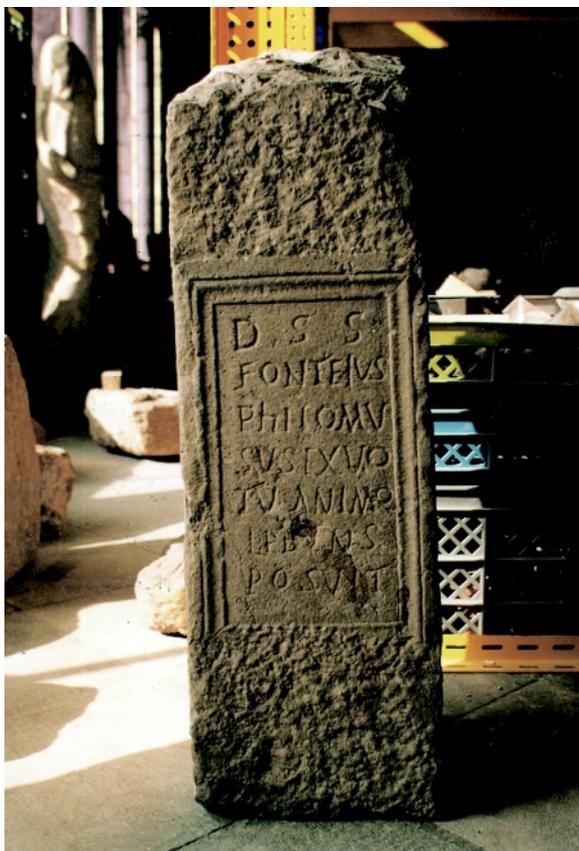
(*) Universidade de Coimbra

fosse banido, porque a pedra aí se partiu. Não andaremos, porém, muito longe da verdade, se – como já se sugeriu – os deuses aí mencionados fossem os Lares. Ou seja, Frontão queria sentir-se em casa, bem protegido.

De resto, outra família que perto se fixou – ou, se calhar, até com a sua estreitou laços por via de algum matrimónio –, a família dos *Fontei* também não esqueceu suas crenças de origem. Por isso, um dos libertos, *Philomusus* de seu nome, aficionado de montarias – não fora javali o que por primeiro ali se vira?... – e amante de caminhadas pela serra, em jornada particular-

mente feliz de caçada ou para que os deuses de bosques e ravinas sempre o acompanhassem, igualmente mandou lavrar bonito altar, desta feita a um deus enigmático – D. S. S.

Enigmático para nós, bem conhecido para ele, que as siglas seriam, então, eloquentes. No fundo, porém, se calhar, ele quis ser mesmo enigmático, para – usando uma expressão bem de caça – ‘matar dois coelhos com uma só cajadada’. Certo é que, nas faces laterais do monumento, gravou o arco e a aljava para as flechas, símbolos evidentes de Diana, a deusa das caçarias. Ler-se-ia, pois, *D(ianae) S(anctae) S(acrum)*, isto é, «Consagrado à Santa Diana».



Altar dedicado a D.S.S. – Texto



Altar dedicado a D.S.S. – Face lateral



Altar dedicado a D.S.S. – Face lateral

Mas dos bosques é também Silvano o protector! Nesse caso, *D(eo) S(ilvano) S(acrum)*, «consagrado ao deus Silvano», era outra hipótese de interpretação. Cada qual que escolhesse a que mais lhe interessasse.

Foi *Philomusus* particularmente afortunado, porque, em acção de graças, outro monumento votivo mandou fazer – não sabemos já foi a quem, porque,



em época posterior, alguém que não gostava de deuses e de latim conhecia um pouquinho, adaptou a pedra santa a pedra tumular (ao que parece), pois que nela mandou gravar *HIC ALPHONSVS*, que é como quem diz, «aqui jaz Afonso».

Torre de Apra – «*turris*», em Latim, é designação de pequena herdade; e a porca montês deu-lhe o nome, como não podia deixar de ser, atendendo ao inusitado do encontro.

Tinha o senhor escrava linda. Acompanhara-o desde sempre, de tal modo que lhe deram o nome grego de *Trophime*, que significa, à letra, «a pensionista», tantos seriam os anos que na família servia!...

Dela apenas nos resta o nome, gravado em naco de pedra. Pedra trabalhada, porém. Nada menos que o capitel de um pequeno altar. Na parte superior, ainda se imagina o frontão triangular (com um pequeno M quase no cimo?), de toros laterais sugeridos, que não visíveis na actualidade, pelos maus tratos que a pedra sofreu. Mas que rica a moldura que ostenta!... Apri-morou-se o canteiro, não haja dúvida! Uma faixa reversa tem continuidade numa ligeira escócia directa e num bocel directo, seguido de ranhura; depois, sempre a descer em direcção ao fuste, outro bocel, agora reverso; duas ranhuras e uma faixa enquadram, depois, o campo epigráfico, destinado a receber a inscrição e que dupla ranhura a formar cordão saliente limita com todo o requinte.



Do texto só resta a primeira linha: OPHIME – o TR inicial desapareceu com a fractura. Os caracteres, previamente inscritos na superfície polida, antes de serem gravados, porque nitidamente se observa a presença de linhas auxiliares, a sublinhar os vértices das letras, para que o todo resultasse elegante. Pelas suas características – esguios, O bem ovalado, M de vértices alongados, pança oblonga do P... – datá-los-íamos de meados do século II. Não nos repugnaria, aliás, que a peça tivesse provindo precisamente da mesma oficina donde vieram as duas do *Philomusus*. Não que as letras sejam idênticas – as do *Philomusus* são menos cuidadas; mas pela riqueza e semelhança da molduração, tanto do capitel como do enquadramento do texto.

Também por esse motivo, vamos considerar apócrifo o eventual M do capitel e incluiremos o monumento na categoria dos altares votivos. Não, não é – como se chegou a pensar – o epitáfio da escrava. É, sim, a prova do seu reconhecimento a divindade da sua devoção – pelas graças que lhe concedera, por uma graça especial, a de ser bem tratada pelo senhor ou de se sentir bem num clima agradável, em terra serena...

A pedra de *Trophime* está hoje no Museu Municipal de Loulé. Identificou-a, em 1978, a Comissão de Arqueologia de então, que a recolheu. Por incrível que pareça, o monumento encontrava-se precisamente em Torre de Apra, a servir de capitel à coluna de uma casa velha. O Padre João Cabanita, que integrava a referida Comissão, sabendo pelos livros da existência da pedra, decidiu ir até lá e... deparou com ela! Do achado, porém, não se deu notícia – que interesse poderia ter, no fundo, um pedaço de pedra com meia dúzia de letras que mal se logravam decifrar?...

E, quando estudei a epigrafia de Loulé, incluí-a, nas *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (Coimbra, 1984), sob o n.º 70 (pág. 120). Sumariamente. Paradeiro desconhecido. Fora achada no ano de 1860. Era, segundo Emílio Hübner, o epigrafista alemão que por primeiro a referiu, um fragmento de placa, «*fragmentum tabellae*», e a informação do seu achamento, em Loulé, fora-lhe transmitida por Manuel Bernardo Lopes Fernandes, que, por seu turno, a recebera de Francisco Rafael da Paz Furtado. Hübner (CIL II 9) pôs logo a hipótese, ainda que em termos dubitativos, de se ler *Trophime* e o seu correspondente deve ter-lhe logo dito que havia o tal M no topo da pedra, porque o sábio germânico aí considerou, de imediato, a invocação aos deuses Manes – *D(is) M(anibus)* – e incluiu o texto entre os de índole funerária. E como tal tem vindo a ser referido.

Na correspondência habitual que mantinha com Estácio da Veiga (o grande especialista das antiguidades algarvias), deve Emílio Hübner ter-lhe perguntado pela pedra, a fim de – obviamente – dela saber mais pormenores. O resultado dessa diligência vem no suplemento do CIL, publicado em 1892, onde, curiosamente e sem qualquer motivo plausível, embora referindo-a ao anterior n.º 9, Hübner atribui à epígrafe número diferente – o 5134 –, dá-a como procedente de Apra e acrescenta:

«Frustra quaesivit Veiga, sed descriptam habuit ab amico Mendonça Bonixe, qui ita legit male COHIMF».

Isto é:

«Veiga procurou-a, em vão; mas descreveu-lha o amigo Mendonça Bonixe, que assim a leu, incorrectamente: COHIMF».

Hoje, que já temos a peça, não nos causa admiração a leitura de Bonixe: é isso mesmo o que se vê, à vista desarmada e sem auxílio de uma boa fotografia. O homem tinha razão.

Natural precisamente da freguesia de S. Clemente, em cujo termo administrativamente se integra Apra e a sua «Torre», não poderia Isilda Maria Pires Martins – ao fazer, em 1966, como dissertação de licenciatura, sob orientação do saudoso Prof. D. Fernando de Almeida, a carta arqueológica de Loulé, que, sob o título *Arqueologia do Concelho de Loulé*, viria a publicar dois anos depois (e hoje há reedição, pela Câmara Municipal, datada de 1988) – deixar de referir o Morgado de Apra, nada mais fazendo, porém, do que dar a conhecer (p. 127-131) o que Sebastião Estácio da Veiga escrevera nas suas *Antiguidades Monumentais do Algarve* (Lisboa, 1887).

Assim, descreve o espólio proveniente da necrópole ali identificada: uma folha triangular de lança (?), de ferro; onze argolas de metal; duas pequenas argolas completas de bronze com uma torsa [sic] de prata; mais dois fragmentos de duas de cobre (ou bronze), sendo uma torsa e duas pequeníssimas; um «artefacto metálico (bronze) em forma de pequena lâmina (...)»; a (já referida) inscrição de *Paccius Fronto*, que, esclarece, apareceu na parede de uma casa existente no local da quinta «denominado Torre»; dois denários de prata (um do imperador Antonino-o-Pio e outro do tempo de Galba); onze fragmentos de vidro; dois anéis de bronze, um deles com inscrição (ADCA) – que, sublinho eu, até ao presente, nunca foi estudada; um «colar de pequenos búzios(?)»; uma «pequena peça metálica»; cinco brincos de bronze...

Enfim, um deveras interessante espólio, próprio de necrópole, que, um dia, interessaria rever, à luz dos modernos conhecimentos.

Acrescenta Isilda Martins (p. 131), baseando-se, porém, não em observação própria mas em notícia retirada da pág. 77 da *Monografia do Concelho de Loulé*, da autoria de Atháide Oliveira e publicada no Porto em 1905, que existe no local «uma fonte muito antiga, quase ao nível do solo, com quatro arcos que formam uma cúpula». Da inscrição de *Trophime* nada diz.

Ao redigir, também sob orientação de D. Fernando, a sua monumental tese de licenciatura que, sob o título *Arqueologia Romana do Algarve*, viria a ganhar o Prémio General França Borges, da cidade de Lisboa, e seria publicada, por isso, em dois tomos (1971 e 1972), pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos, bisneta de Estácio da Veiga, limitar-se-á, no item «Aprá» [sic], a páginas

155-157, a transcrever o que seu bisavô deixara como testemunho, tal como Isilda Martins fizera. E, seguindo informação que dele colhera, atribui a epígrafe de *Trophime* a Loulé, dedicando-lhe somente três linhas, citando Hübner (CIL II 9, apenas).

Editado, em 1992, pelo Departamento de Arqueologia do então Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, o volume da *Carta Arqueológica de Portugal* que inclui o concelho de Loulé, insere a referência a Torres de Apra, na pág. 237, com alusão aos achados conhecidos; e fica-se a saber, pela carta militar reproduzida na p. 239, que, de Apra, há Barranco, Cabeceira, Torres, Fonte, Morgado, Cerro, isto é, uma riqueza toponímica insuspeitada!...

Susana Estrela e Pedro Barros fizeram, a pedido da respectiva Câmara Municipal, «O Levantamento Arqueológico do Concelho de S. Brás de Alportel», a cujo Relatório de Progresso relativo a 1999, ainda inédito, tive acesso por gentileza da Dra. Dora Barradas Eusébio, técnica daquela autarquia. Interessava-me saber o que diziam de duas interessantes inscrições romanas achadas, em reaproveitamento, na igreja de S. Romão, exactamente a caminho de Loulé. E qual não foi o meu espanto quando li (p. 18):

«Somos da opinião de que, a procurar uma localização mais correcta para estas duas epígrafes, elas seriam originárias de um extenso povoado romano, denominado Apra. Pertencente já ao concelho de Loulé e bem perto dos limites ocidentais do concelho de S. Brás de Alportel, este sítio arqueológico, com cerca de dois hectares de área, parece corresponder a uma grande *villa*. São visíveis no terreno elementos de colunas, muito material de construção e cerâmico».

Pasmei.

E se me demorei um pouco nesta panorâmica, foi para mostrar como, por vezes, há pistas que se não seguem, vá-se lá saber porquê!...

Assim, é mais do que evidente que Apra e os seus microtopónimos encerram segredos romanos de interesse; e que, por outro lado, as pessoas cujos nomes Hübner cita de alguma forma hão-de ter deixado rasto; eram, quiçá, alguns eruditos locais... E, na bibliografia que compulsei, não vi que, algum dia, alguém com eles se tivesse preocupado.

Valeu-nos, pois, a acção meritória da Comissão de Arqueologia, que, em 1978, logrou reencontrar a peça e trazê-la a bom recato para exposição no museu. Mede, no seu estado actual, 47 cm de alto, 44 de largura e 42 de espessura máxima. As letras têm 4 cm de altura.

E exposição merece, porque regista o nome bonito de uma antepassada louletana, *Trophime*. Viveu há dois mil anos atrás e ainda hoje a recordamos assim.

Não chegarão a uma vintena os indivíduos (do sexo masculino e feminino) identificados com esse nome na epigrafia peninsular, conhecidos até ao momento. Existem, porém, sobretudo, em áreas urbanas, abertas, portanto, aos ventos que sopram de fora, do Mediterrâneo além. E só nos monumentos epigráficos da cidade de Roma, as *Trophime* ultrapassam os 150 testemunhos!...

Continuaremos a desconhecer que divindade Trófime quis homenagear. Uma certeza temos, porém: é que, dois mil anos passados, a sua memória continua viva entre nós.

Esse constitui, aliás, o grande mérito dum monumento com letras, por mais insignificante que ele, à primeira vista, possa parecer!

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN (Juan M.), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Múrcia, 1994. (*Trophime*: p. 533).
- CIL II = HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlim, 1869 e 1892.
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, 1984.
- ESTRELA (Susana) e BARROS (Pedro), *O Levantamento Arqueológico do Concelho de S. Brás de Alportel. Relatório de Progresso 1999* (inédito).
- MARTINS (Isilda Maria Pires), *Arqueologia do Concelho de Loulé*. Câmara Municipal de Loulé, 1988 (reedição, sem alterações, da publicação de 1968).
- OLIVEIRA (Athaíde), *Monografia do Concelho de Loulé*. Porto, 1905.
- SANTOS (Luísa Estácio da Veiga Affonso dos), *Arqueologia Romana do Algarve*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2 tomos, Lisboa, 1971 e 1972.
- SOLIN (Heikki), *Die Grieschischen Personennamen in Rom – Ein Namenbuch*. Berlim, Nova Iorque, 1982. (*Trophime*: p. 995-997).
- VEIGA (Sebastião Estácio da), *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa, 1887.